

Uma homenagem à matriz cultural

Araquém Alcântara lança o livro de fotos Santos, que apresenta 80 imagens da cidade em que descobriu sua vocação para a fotografia

CARLOTA CAFIERO
DA REDAÇÃO

Quando sai a campo, o fotógrafo Araquém Alcântara confia não apenas em todo o aparato técnico e tecnológico que carrega, mas em uma bagagem que ele acumula por 62 anos: sua história de vida, os livros que leu, os amigos que fez e as coisas que observou na natureza humana e selvagem.

"Tudo o que eu faço tem a ver com o meu repertório cultural e espiritual. A criatividade e a inspiração têm de sobrepor ao racionalismo, à técnica e à tecnologia, pois estamos nos desconectando da nossa essência", diz, em tom profético, o fotógrafo que descobriu sua vocação aos 14 anos, em Santos, quando teve o que chama de "epifania" durante uma sessão noturna de cinema.

"Considero aquela sessão maldita, à meia-noite, do filme *A Ilha Nua* (1960, de Kaneto Shindo), promovida por Maurice Legeard como uma convocação à fotografia, pois o filme era contemplativo, com imagens sintéticas, quase *zen*, mas isso eu só fui compreender muito tempo depois", lembra Araquém, que presta homenagem à Cidade que ele chama de "matriz cultural" com o livro *Santos* (170 páginas, R\$ 79,00), que lança pela própria editora, Terra Brasil, nesta quinta-feira, às 19h30, na Casa da Fronteira Azulejada, somente para convidados.

O livro também será lançado em São Paulo, no dia 11 de dezembro, às 18h30, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, em um coquetel aberto ao público.

"O meu modelo de universo, a minha matriz criativa começou em Santos. Eram o cais, as prostitutas, as praias, os canais, os anônimos. Depois, essa matriz se transformou na união dos ecossistemas e me tornei um fotógrafo viajante, com ideologia própria, que se afastou de Santos para rodar o Brasil", descreve o artista, que garante que 50% das fotos publicadas no livro são inéditas. "Como minha mãe, que está com 94 anos, mora em Santos, eu sempre volto. Mas há algumas que são bem conhecidas e se tornaram icônicas".

NOBREZA CLÁSSICA

Com projeto gráfico caprichado de Victor Burton e apresentação de Xavier Bartaburu, o livro é a 46ª publicação da carreira de Araquém, que tem patrocínio da Marimex.

A obra traz 80 imagens – selecionadas de 3 mil fotos – de Santos, feitas desde a década de 70. "Foi muito doloroso esse processo de síntese. Mas, se eu escolhesse mais imagens, iria ficar muito repetitivo, com muitos navios", descreve. Detalhe: todas as fotos são em preto e branco.

"Estou em uma fase curiosa, pois comeci com preto e branco e meus últimos quatro livros são em PB. Acho que imagem assim tem uma nobreza clássica, que não esconde, revela. Com isso, preciso me despojar e buscar uma fotografia simples e ao mesmo tempo impactante, o que me ajuda a dizer as coisas com mais profundidade", ressalta o fotógrafo, que registrou as belezas e as contradições de Santos.

"O livro mostra os paradoxos de uma cidade de território pequeno, com um povo amoroso com suas raízes, que está crescendo e vai precisar trabalhar



Vista geral da orla santista no amanhecer, num trabalho recente de Araquém; torre da Bolsa do Café flagrada do alto, e imagem dos trabalhadores do Porto de Santos feita em 1973

Vocação

"Eu sou resultado de uma vocação que de uma vocação de meu certo através da fotografia como caminho de autoconhecimento. A minha fotografia amadurece na medida em que eu amadureço como ser humano"

com isso para não se transformar em um lugar inóspito como São Paulo", considera o fotógrafo, enquanto dava entrevista para *A Tribuna* da sacada de seu apartamento no bairro Morumbi, em São Paulo, onde mantém suas plantas e coloca frutas para atrair maritacas, sabiás, sanhaços, pica-paus e papagaios. "Daqui estou olhando um monte de prédios mas ainda vejo um monte de verde entre eles, que atrai muitos pássaros que perderam seus territórios para o espaço urbano".

CRIADORES DE DESERTOS

Como um dos precursores da fotografia de natureza no Brasil e autor do livro de fotografia mais vendido do País, *Terra Brasil* (1997), Araquém ci-

ta o historiador Warren Dean para ressaltar a nossa responsabilidade com a preservação da biodiversidade: "Ele escreveu que os brasileiros do futuro irão corar de vergonha quando perceberem a brutalidade de seus antepassados. E esses antepassados somos nós. Somos cúmplices de uma desertificação assassina, que está acabando com os corredores ecológicos. Hoje, existem apenas 6% da Mata Atlântica. Euclides da Cunha disse certa vez que 'somos fazedores de desertos'".

Como exemplos recentes do impacto da desertificação no Brasil, o fotógrafo lembra de sucuranans (onça-parda) que atravessam avenidas em Campos do Jordão, uma onça pinta-



Araquém registra a Cidade desde 1970 em fotos em preto e branco

Beleza

"O meu trabalho é seduzir as pessoas para o meu modo de enxergar o mundo. A função mais importante do artista é a de criar e repartir belezas"

grafando. Os tempos mudaram, vivemos em uma sociedade extremamente icônica. Estamos em plena era da imagem. Antes, o fotógrafo era um mero ilustrador".

CINEMA

Araquém trabalhou recentemente como consultor criativo de uma grande produção franco-brasileira dirigida por Thierry Ragobert, chamada *Amazônia, Planeta Verde*, que estreou em Paris em 27 de novembro último, no Cine Lumière, com o lançamento da edição francesa do livro *Amazônia*, de 2005, com 75 mil exemplares, distribuídos em 400 livrarias da França. O filme deve estreiar no Brasil em janeiro de 2014.

da que passou pelo estacionamento de uma estatal em Brasília e duas onças que entraram na sede no Parque Nacional do Iguaçu. "Precisamos criar novos santuários ecológicos, porque esses vão permanecer para as gerações futuras. É pena ver que não há responsabilidade e consciência de se investir em preservar a biodiversidade brasileira. Não há uma política ambiental".

VISÃO HOLÍSTICA

Araquém queria ser jornalista quando adolescente. Nascido em Florianópolis, em 1951, ele cresceu e se formou em Santos, onde, em 1970, ingressou na antiga Faculdade de Comunicação de Santos (Facos) e foi trabalhar na cursal de O Estado de S. Paulo e do Jornal da Tarde.

"A minha vontade inicial era ser escritor ou um jornalista que interpretasse a realidade, pois eu nunca tinha pego uma máquina fotográfica, mas já escrevia desde os 14. Eu era aquele menino que fazia as redações mais elogiadas, que escrevia para o jornalzinho do colégio e fazia o discurso do último ano", conta o fotógrafo, que acredita ter desenvolvido uma visão holística da vida durante sua formação religiosa, no seminário Carmelita de Itu e no colégio do Carmo em Santos. "Foi aí que a minha visão mística da realidade pintou e me acompanha até hoje".

Para Araquém, um fotógrafo precisa ter cultura. "É preciso compreender o que se está foto-